

# Remediação do radiojornalismo na era da informação

Nelia R. Del Bianco\*

## Índice

1 A remodelagem do radiojornalismo brasileiro	3
2 Radiojornalismo na era da informação	6
3 Bibliografia	10

Muito se discute sobre como devem ser as novas mídias digitais. Os entusiastas defendem com frequência que os meios digitais devem romper com as tradições estéticas e culturais de seus predecessores. Os cautelosos entendem que os novos meios podem ser compreendidos examinando a maneira como reformulam os velhos. Será que o processo de mutação caminha nesses dois extremos ou é mais complexo?

David Bolter e Richard Grusin (1999) defendem que o processo de transformação é por remediação, ou seja, por meio de remo-

delagem mútua. Tanto as mídias tradicionais buscam se adaptar ao mundo digital, remodelando seus produtos com base na nova lógica, como os meios emergentes remodelam os antigos. Os autores citam exemplos registrados ao longo da evolução dos *media*: a fotografia remediou a pintura, a televisão fez o mesmo em relação ao cinema e ao rádio. No presente, a Internet usa os testes padrões estabelecidos pela televisão a fim determinar como trabalhar com a imagem na tela. Isso acontece ao mesmo tempo em que a televisão usa colocar várias janelas com imagens em movimento na mesma tela, ou põe o texto em desdobramento, correndo na parte de baixo da tela, remodelando o estilo da narrativa do online.

Na raiz do conceito de remediação está o pensamento original de Marshall McLuhan (2000). Ao compreender a transformação dos meios de comunicação na década de 60, o pensador canadense verificou que o processo de mutação se dava por hibridização. Como afirmava, o híbrido ou o encontro de dois meios, libera grande força ou energia por fissão ou fusão, porque constitui o momento de verdade e revelação, do qual nasce a forma nova.

“Isto porque o paralelo de dois meios nos mantém nas fronteiras entre formas que nos despertam da narcose narcísica. O momento do encontro dos meios é um momento de li-

---

\*Professora da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, Doutora em Comunicação-Jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da USP e Mestre em Comunicação pela UnB. nbianco@uol.com.br.

O presente texto é parte da tese de doutorado Radiojornalismo em mutação – A influência cultural e tecnológica da Internet na transformação da noticiabilidade no rádio, defendida no Programa de Pós Graduação em Comunicação da USP em maio de 2004. Texto apresentado no II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor, Salvador-Ba, 2004.

berdade, e libertação do entorpecimento e do transe que ele impões aos nossos sentidos” (2000: 75).

McLuhan queria dizer que os meios como extensões do homem estabeleceram novos índices relacionais não apenas para os sentidos na medida em que se inter-relacionam:

“O rádio alterou a forma das estórias noticiosas, bem como a imagem fílmica, como advento do sonoro. A televisão provocou mudanças drásticas na programação de rádio e na forma das radionovelas”.(2000:72)

A partir dessa perspectiva, Roger Fidler (1997)<sup>1</sup> desenvolveu o conceito de *mediamorfose*, segundo o qual as novas mídias não surgem espontaneamente e independentes, mas emergem gradualmente a partir da *metamorfose* das velhas. O novo meio se apropria de traços dos existentes para depois encontrar sua própria identidade e linguagem. Diante das novas mídias, as tradicionais normalmente não morrem, ao contrário, adaptam-se e continuam evoluindo.

*Mediamorfose* não é uma teoria, mas um modo unificado de pensar a evolução tecnológica dos *media* que permite notar as semelhanças e relações existentes entre o passado, o presente e as formas emergentes. O princípio é complexo e está fundamentado na hipótese de que as forças que moldam o novo são, essencialmente, as mesmas forças que moldavam o passado. O princípio integra ainda

<sup>1</sup>O pesquisador é coordenador do *Institute for Cyberinformation da School of Journalism and Mass Communication da Kent State University* e trabalhou por mais de 30 anos como jornalista e designer em vários jornais americanos, tendo participado ativamente das mudanças no jornalismo em seu país provocadas pelas tecnologias da informação.

os conceitos de co-evolução e coexistência, convergência e complexidade.

Segundo Fidler (1997:1-29), tudo o que forma o tecido do sistema de comunicação não existe independente da nossa cultura. Assemelha-se ao desenvolvimento de toda forma de vida existente no planeta. Em lugar de evolução e subsequente substituição, uma nova forma coexiste e convive com a antiga para que a *metamorfose* possa acontecer. No campo da comunicação, as inovações não teriam sido possíveis se a cada nascimento de um meio resultasse na morte de um mais velho. Cada nova forma de comunicação emergente se desenvolve influenciada, em graus variados, pela mídia existente. Da mesma forma, as mídias existentes são impulsionadas a adaptarem-se para evoluir e sobreviver dentro de um ambiente variável. Se não houver adaptação, o meio tende a desaparecer.

No entanto, é preciso considerar que nem todas as mídias sempre se adaptam para evoluir. Eventualmente, algumas formas de comunicação, assim como as espécies vivas, desaparecem. Mas isso não acontece imediatamente ao aparecimento de uma nova forma.

Os conceitos de *hibridização* e *mediamorfose* acrescentam à discussão sobre a *mutação dos media* a idéia de não-linearidade do processo. Há sempre que se olhar para o presente, sem esquecer o passado e projetar o futuro. O conceito de *remediação* adiciona a essa perspectiva o princípio da mútua influência. O diferencial desse processo hoje está no fato de a remodelagem operar na lógica dupla da instantaneidade em tempo real e da *hipermídia*. A mídia digital constrói a especificidade de sua linguagem e função social exatamente mantendo-se fiel aos valores culturais e estéticos dos meios tradicionais,

porém agregando a eles os valores inerentes a imediatividade do tempo real e a hipermídia. Embora a lógica da imediatividade se manifeste desde o renascimento aos dias atuais, em cada época teve significado diferente. Segundo Bolter e Grusin (1999), a diversidade é ainda maior para o hipermídia, que parece sempre oferecer um número de reações diferentes à lógica contemporânea do imediatismo.

É na apropriação dessa lógica que o novo rivaliza com a mídia tradicional. Exemplo disso é a notícia na Internet. De acordo com Bolter e Grusin, ao atuar no sentido de levar a notícia mais rápida, a Internet já se transformou numa das mídias estabelecidas que rivaliza com a televisão, rádio e imprensa. Agora é um participante ativo incorporado aos acontecimentos mais importantes, a exemplo das eleições, escândalos, desastres, entre outros.

## 1 A remodelagem do radiojornalismo brasileiro

Ao longo de sua história, o radiojornalismo brasileiro passou por um processo de remodelagem de linguagem, formato e processo produtivo influenciado pelas mutações das técnicas de produção.

Na década de 20 copiava os jornais tanto na forma como no conteúdo. O método consistia em selecionar algumas notícias, grifar o que era mais interessante e depois fazer uma leitura ao microfone. O método resistiu ao tempo a ponto de tornar-se uma prática comum no rádio conhecida como *gilet press* ou *tesoura press*. O sistema desprezava as vantagens e potencialidades do meio. Ao invés de antecipar a divulgação da notícia,

copiava-se o que os outros produziram. A linguagem do radiojornalismo era pensada como uma nova forma de apresentação da mesma mensagem escrita. E como tal pouco se diferenciava do estilo narrativo dos jornais da época, marcado por textos longos e prolixos que misturavam relato do fato acontecimento com comentário ou opinião. O jornal não era somente uma fonte de informação para compor o noticiário de rádio, mas também um modelo de narrativa que se julgava, na época, apropriada para o meio falado (Ortriwano, 1990).

Com a adoção do teletipo nas redações na década de 40, o modo de produção do radiojornalismo baseado na leitura dos jornais impressos ao microfone foi substituído por um modelo calcado nos padrões estéticos das agências internacionais de notícia. O noticiário Repórter Esso marcou essa mudança ao adotar como principal fonte de informação a agência de notícias *United Press*.

Como fonte para o radiojornalismo, a agência de notícia é um exemplo de como o uso de uma nova tecnologia está relacionado à oportunidade e a necessidade de um momento histórico. Segundo o princípio da mediamorfose, nem sempre uma tecnologia é adotada somente por seus méritos. Em geral, há uma oportunidade, um motivo social, político ou econômico sugerindo o desenvolvimento da nova tecnologia. Neste caso, a adoção desse modelo produção foi um instrumento de construção da hegemonia, num sentido gramsciano, no contexto mundial e nacional em relação às disputas políticas, ideológicas e culturais, especialmente no período da Segunda Guerra Mundial e da Guerra Fria. A notícia não servia apenas para informar, mas era instrumento de propaganda política ideológica.

Ainda na década de 40, o rádio remodela o formato de noticiário ao criar o jornal falado. O noticiário era semelhante a modelo de organização da informação no impresso. Na abertura as manchetes, o número da edição e data da emissão. A seguir as notícias eram organizadas em seções (nacional, internacional e local). A metáfora do jornal falado ajudou o ouvinte de rádio a compreender melhor o noticiário de rádio, porque fazia referência a algo com o qual já estava familiarizado de alguma forma.

Com o advento da TV, na década de 50, o rádio perde prestígio junto aos patrocinadores. Sem dinheiro, não havia como investir na renovação técnica de equipamentos, e menos ainda manter um *cast* profissional formado por cantores, músicos, comediantes e animadores. A saída foi remodelar a programação adotando a veiculação de música gravada, notícia, esportes e prestação de serviços – informação sobre condições do trânsito, polícia, tempo etc.

Nas décadas de 60 e 70, a programação jornalística consolida-se no rádio por meio de emissoras especializadas em notícias. A fase é caracterizada por estruturas de produção jornalística próprias, com autonomia para levantar conteúdo próprio, diminuindo a dependência de outros veículos para levar a notícia ao ar. Para expressar voz própria no relato dos acontecimentos, a reportagem de rua conquista lugar de destaque nos jornais falados.

Um dispositivo técnico contribuiu para essa mudança: o gravador portátil que substituiu o gravador de rolo usado em de externas. O jornalista João Batista de Abreu (2000: 133-134) lembra que, na década de 50, os gravadores de fita rolo eram grandes, pesados e movidos à bateria. Para manuseá-los

era necessária a presença de um técnico. As limitações técnicas do aparelho dificultavam a mobilidade e a agilidade do repórter no campo do acontecimento. O gravador cassete portátil alterou esse quadro. O repórter podia colher o depoimento da fonte não apenas para repassar a informação em outras palavras, mas para gravar a entrevista e retransmiti-la aos ouvintes com mais agilidade.

A inovação técnica, sem dúvida, modificou o conteúdo da informação radiofônica e trouxe para a cena de significação a valorização do testemunho sonoro, a entrevista. As declarações, em alguns casos, passaram a ter um *status* de fato. Na década de 70, esse modo de produção foi bastante favorável à situação política. Era época da censura, período em que o “jornalismo de verificação” ficara reduzido a divulgar a “versão oficial” dos acontecimentos. O ponto de vista de uma autoridade militar passou a valer como se fosse o fato em si, sobre o qual não havia espaço para investigação. Predominava o jornalismo de “afirmação” em detrimento ao de “verificação”.

Paralelamente aos eventos ligados à censura, nas décadas de 60 e 70 começa a ser formado consenso quanto à importância do jornalismo local. Frente à TV, o rádio perdia a centralidade conquistada no passado. Fato que naturalmente impôs uma espécie de redivisão territorial das transmissões dentro do processo de remodelagem, onde cada meio descobre seu papel e função para coexistir e conviver. A televisão formava cadeias nacionais e comandava a cobertura dos grandes acontecimentos, enquanto o rádio delimitava sua influência na cidade ou na região, dirigindo-se à comunidade. Por estabelecer vínculo com a realidade local, a informação

de serviço (previsão do tempo, trânsito, situação das estradas) conquista espaço por ter interesse coletivo.

Outra inovação tecnológica, no entanto, contribuiu para tornar o radiojornalismo cada vez mais próximo da audiência: o transistor. Embora a invenção seja da década de 40, a popularização dos aparelhos portáteis transistorizados no Brasil somente aconteceu nas décadas de 60 e 70. Com o transistor, o rádio ganhou portabilidade, permitindo a individualização da audiência. A disseminação do invento assegurava o caráter de intimidade do rádio, a identidade afetiva com o ouvinte.

O radiojornalismo dessa fase foi permeado pelos valores inerentes aos recursos tecnológicos incorporados ao processo produtivo da notícia. Entre eles estavam o de atualidade (noticiar o que acontece no presente e não no dia anterior), imediatismo (os fatos podem ser transmitidos no momento em que ocorrem) e instantaneidade (a notícia precisa ser recebida no momento em que foi emitida). Diante desses valores, a idéia de um jornalismo baseado em notícias do dia anterior, publicadas pelo jornal, tornara-se sem sentido, além do que não atendida mais às exigências da audiência, em especial nas grandes cidades, de divulgação imediata dos acontecimentos que influenciam o cotidiano.

Embora os avanços tenham sido significativos, no sentido de colocar em prática os valores inerentes à natureza tecnológica do rádio, muito do material jornalístico levado ao ar ainda era baseado em entrevista editada. A reportagem ou participação ao vivo não era uma prática freqüente em todas as emissoras do país. É certo afirmar que decorria um tempo entre os procedimentos de captação e edição da entrevista e sua veiculação.

Porém, ainda assim, correspondia à notícia do dia, diferentemente do jornal que trazia a notícia do dia anterior.

Nos anos 80, o radiojornalismo no Brasil revitaliza, tudo por conta da adoção de quatro recursos técnicos que contribuíram para melhorar a qualidade sonora do rádio: o transmissor-receptor (sistema de áudio em duas vias, que permite ao repórter entrar no ar ao vivo ou conversar com âncoras e entrevistados); a extensão da baixa freqüência para telefone (acoplada ao telefone, aumentava a potência de transmissão e permitia que o sinal chegasse mais forte ao estúdio); os satélites (usados cada vez mais para transmissão em redes); e o CD que substituiu as fitas magnéticas e os discos de vinil, contribuindo para a melhoria da qualidade do som da música no rádio (Moreira, 2002:97).

Os dispositivos técnicos, especialmente os que facilitavam a transmissão ao vivo, levaram o repórter a participar intensivamente da programação, direto da cena do acontecimento. O que contribuiu para aprofundar e explorar a característica do imediatismo inerente à natureza tecnológica do rádio. O tempo entre o acontecimento e a veiculação da notícia foi encurtado. A cobertura ao vivo criou uma sensação de participação do ouvinte no cenário dos principais acontecimentos políticos da época. A população estava ávida por notícias a respeito das mudanças políticas com o fim de vinte anos de ditadura militar: eleição direta para governador, retorno dos exilados ao Brasil e eleição indireta do primeiro Presidente da República civil.

Nesse período, a apresentação das notícias passou a contar intensamente com a voz dos próprios repórteres que colhiam a informação no local do acontecimento. Sendo fa-

tor de credibilidade, a reportagem em tempo real de grandes eventos políticos e sociais da época, a exemplo da campanha das Diretas Já, facilitou a identificação do meio com a audiência. O vivo trouxe para o campo da produção jornalística do rádio o “momento” como valor-notícia, segundo Eduardo Meditsch:

“O conhecimento do absolutamente efêmero, até então desprezado por uma tradição letrada que possuía como principal parâmetro de validação a posteridade, revela-se cada vez mais fundamental para a sobrevivência numa sociedade que se move em velocidade crescente. O rádio foi o primeiro meio de comunicação de massa a operar em tempo real”. (1999a:125)

O tempo real do rádio passou a estar afinado com a rotatividade da audiência. Na década de 80, configura-se o conceito de repetição de notícias com o objetivo de atender a rotatividade da audiência móvel diante do aparelho de rádio transistorizado, disponível em qualquer lugar, especialmente nos automóveis.

A proximidade conquistada nesse período passa a conviver com a transmissão por satélite, uma das estratégias das emissoras especializadas para ampliar a área de cobertura territorial e conquistar maior parcela do público e o interesse de grandes patrocinadores. Diferentemente da TV, que na década de 60 soube aproveitar o potencial do satélite para retransmitir sua programação, o rádio se beneficiou tardiamente desse sistema. Acostumadas à seleção de notícia numa dimensão local, as emissoras tiveram de redimensionar seu processo de produção para compor um noticiário realmente de interesse nacional. Neste caso, a estratégia foi intensificar a

cobertura do Governo Federal em Brasília, com equipes próprias de reportagem, além de investir em comentaristas de peso que pudessem dar sentido e significado aos acontecimentos.

## 2 Radiojornalismo na era da informação

No início da década de 90, o radiojornalismo passa por mudanças provocadas pela substituição dos meios técnicos analógicos pelos digitais. Um dos mais importantes foi o uso do celular pelos jornalistas para transmissão de notícias a partir do local do acontecimento. Com o celular, o repórter ganha agilidade para realizar entrevistas ou fazer participação ao vivo de qualquer lugar. Conquista mobilidade muito superior ao telefone sem fio utilizado nas unidades móveis de frequência modulada.

Essa tecnologia contribuiu para alterar o conceito de velocidade e instantaneidade na divulgação da informação. Tornou o jornalismo de rádio diário “mais quente” em relação aos demais. A cultura do “ao vivo”, presente na era analógica, agora foi reforçada. Trouxe o caráter de antecipação da informação rivalizando com a cobertura do jornal e da TV. Por outro lado, fortaleceu o formato de radiojornalismo calcado nos gêneros notícia, reportagem e entrevista.

O processo de digitalização dos equipamentos de áudio também afetou a produção do radiojornalismo. Um dos principais avanços foi a invenção mini-disc (MD), um aparelho que mudou a performance do armazenamento e edição do registro sonoro. O MD flexibilizou o processo de edição ao permitir mover, excluir, editar e combinar dife-

rentes trechos de gravação num mesmo suporte tangível. Para o jornalismo representou a aposentadoria dos inflexíveis aparelhos de reprodução de cartuchos de fita magnética (cartucheiras).

O segundo avanço rumo à digitalização foram os *softwares* de operação de áudio para programação ao vivo que permitiram a automatização na reprodução de músicas, comerciais, chamadas e locução gravada (Moireira, 2002:133). O terceiro passo importante foi a adoção dos *softwares* de edição de som para PC e das estações de áudio informatizadas que funcionavam como sistema de edição não-linear.

Nesse sentido, a informatização da redação influenciou novos modos de produção. Na primeira metade década de 90, os computadores eram utilizados na redação como processador de texto e terminal de recepção das agências de notícias. Mas tarde, numa segunda geração, os computadores passaram a fazer parte de uma rede local, servindo de unidades de edição não-linear (Meditsch, 1999:110).

Na segunda metade da década de 90, a redação de emissoras especializadas em jornalismo passou por uma terceira fase da informatização com a constituição de rede de computadores local, integrando a redação e edição de noticiários à central técnica e com conexão à Internet. No âmbito local, a rede garante o livre tráfego de informação, tanto em forma de texto como em áudio. Graças a um *software* de gerenciamento de produção, os jornalistas agora têm acesso ao espelho de programas e às matérias levadas ao ar em todos os noticiários por meio do terminal de seu computador.

Editores e redatores podem copiar notícias disponíveis, reescrevê-las agregando no-

vas informações, ou mesmo editar, cortar, emendar sonoras de matérias de repórteres ou entrevistas ao vivo com ajuda do programa *Sound Forge*. Os repórteres na rua não têm acesso remoto a esse dispositivo, porque nenhuma emissora especializada dispõe atualmente de laptops. De qualquer modo, a participação ao vivo deles é gravada pela central técnica que, por sua vez, a disponibiliza o arquivo em formato *wave*.

A integração da rede local à Internet trouxe mudanças na forma de processar a informação. Os jornalistas de rádio passaram a ter acesso gratuito às principais agências de notícias e aos jornais online nacionais e internacionais. À primeira vista essa facilidade ampliou o olhar sobre os acontecimentos diante da multiplicidade de assuntos disponíveis para seleção. Situação bem diferente das condições de produção da era analógica. O acesso às agências de notícias somente era possível mediante assinatura do serviço. Emissoras como Jovem Pan e Bandeirantes assinavam, no máximo, uma agência internacional e duas nacionais. Antes os jornalistas tinham acesso às fontes por meio de diferentes suportes físicos, como material impresso, carta, áudio, telefone, teletipo, fax. Outro modo era buscar pessoalmente a informação no local do acontecimento.

Essa vantagem, no entanto, deve ser vista com cautela. Na verdade, tem-se acesso ao conteúdo parcial de jornais online, portais e agências de notícias, portanto, nem sempre é o material jornalístico integral disponível apenas para os assinantes. Trata-se de material de segunda ou terceira mão, submetido a critérios prévios de seleção, portanto, filtrado pelos valores inerentes àquela publicação. Mesmo quando os jornalistas vão diretamente ao site das agências internacionais

para complementar informação, ainda assim acessam resumos e não as matérias integrais disponíveis somente para assinantes.

A Internet também contribuiu para moldar um novo comportamento dos jornalistas em relação à busca de notícias. Nas décadas de 60 e 70, época marcada pela valorização da reportagem no local do acontecimento, os jornalistas ficavam à procura de notícias. Paralelamente a essa posição, o profissional na redação ficava à espera de despachos enviados pelo teletipo para alimentar o fluxo contínuo de redação de boletins e noticiários de hora em hora.

Na década de 80, as notícias “procuravam” os jornalistas. Com a profissionalização das assessorias de comunicação de empresas, órgãos públicos, sindicatos, entidades de classe e organismos não governamentais cresceu a oferta de material informativo pronto para ser utilizado à disposição da redação, sem contar com as sugestões de entrevistas ao vivo, coletivas de imprensa, entre outros.

Com a Internet, os jornalistas abandonaram a posição passiva de ficarem à espera de despachos e informes de agências de notícias e *releases* para assumirem a postura “ativa” na recolha de assuntos, porém dentro do ambiente online. Hoje fazem uma “busca orientada” por informação na rede guiada pelos valores e critérios definidos pela política editorial da emissora. O intuito é recolher notícias atuais e de interesse. O trabalho do jornalista não é apenas ler o material para se informar e constituir seu próprio relato dos acontecimentos. A leitura é confundida com a busca de notícia pronta. Obter o material de divulgação acabou por se converter num fim em si mesmo.

Sem dúvida, o acesso a fontes de infor-

mação livre de limitações temporais beneficiou a manutenção do fluxo contínuo informativo no rádio. Primeiro porque oferece uma noção orientativa sobre o que é atual, ajudando a redação a se posicionar no ciclo produtivo da notícia. Quem chega à tarde para trabalhar, por exemplo, consegue saber exatamente que notícias foram destaques pela manhã numa rápida consulta aos sites de jornais e agências de notícias online. Segundo porque é um modo de conseguir, receber e trocar informação de forma rápida e ágil. Terceiro porque a Internet é uma forma de acesso às fontes de notícia de alta produtividade e renovação constante. E quarto pela vantagem de ter a memória acumulada e armazenada dos acontecimentos, recuperável a qualquer tempo, tanto nas publicações digitais online como por meio de sistemas de busca em qualquer site.

Além do mais, a Internet é referência na redação para avaliar os acontecimentos quanto à atualidade, novidade, interesse e importância. O valor de atualidade passou a corresponder ao tempo real, ou seja, o processamento da informação se dá num ambiente onde não há diferenciação do tempo. O reflexo disso é o aumento do índice de atualidade na redação. Em consequência, as fronteiras dos *deadlines* tornaram-se mais elásticas. Houve um encurtamento do ciclo da informação no radiojornalismo que na era analógica já era considerado elevado e agora ganha maior aceleração. O ritmo da informação com o tempo real muda a lógica do tempo informativo no rádio para entrar numa era de quase “imediatez absoluta” (Nogueira, 2003) uma vez que os ciclos estão cada vez mais curtos. As decisões sobre o que entra ou não no noticiário da emissora são tomadas cada vez mais em tempo real.

Nesse processo de mutação houve uma apropriação de valores típicos da Internet na produção do radiojornalismo. Entre eles, a cooperação entre usuários, comunicação horizontal, sem hierarquias, entre os integrantes da rede local; interatividade e informalidade nas relações entre membros da rede (chefes, editores, redatores e repórteres); livre fluxo de informação produzida dentro da redação; participação e intervenção dos integrantes da rede no conteúdo; acessibilidade a conteúdo próprio e de outros em tempo real; personalização do acesso ao conteúdo; e interatividade entre membros da redação como também entre eles e a audiência seja via e-mail ou site da emissora.

Diante dessas mudanças, prevê-se que o radiojornalismo será cada vez mais factual na tentativa de rivalizar com a Internet, embora se aproprie dela para construir parte significativa do seu noticiário. Consolidará na redação o *habitus* de atribuir valor de atualidade, importância e interesse para o que é destacado na Internet, algo que, no limite, poderá influenciar na redução de modalidades próprias de apuração da informação até mesmo pelas vantagens oferecidas como redução de custos e de pessoal. O indicador dessa mudança está na redução do quadro de repórteres verificado nas emissoras especializadas se comparado com a era analógica.

As emissoras tendem a investir em ferramentas que possibilitam acessar informação sem demandar o deslocamento de pessoal até o local do acontecimento. Essa estratégia ganha força devido ao fácil acesso a informação gratuita disponível na rede. No limite, a estratégia adotada resultará num noticiário cada vez mais dependente das agências e jornais online.

Agravante dessa situação é que o radio-

jornalismo poderá parecer o mesmo para o ouvinte, ou seja, mantendo-se fiel aos valores estéticos e culturais de sua origem: atual, instantâneo, simultâneo, focado no interesse social e na prestação de serviço. Ocorre que as mudanças no fazer não alteraram as velhas formas de apresentação da notícia. Quando um redator noticiarista entra ao vivo lendo uma nota extraída da Internet dá a impressão ao público de que se trata de matéria apurada por ele. A narrativa falada transfere credibilidade para o conteúdo da notícia como uma qualidade do discurso radiofônico. No entanto, a matéria pode ser resultado da consolidação de informação extraída da Internet e, muitas vezes, confundida com conteúdo próprio ao ser apresentada na linguagem do rádio e focada na política editorial da emissora.

A reportagem de rua tende a ser complementada com informes das agências de notícia. O olhar do repórter no local parece não ser mais o bastante. Será preciso buscar outros pontos de vistas para complementar. A idéia de radiojornalismo original, segundo o qual o repórter oferece uma visão própria dos acontecimentos, será cada vez mais ampliada pelo conteúdo da Internet.

A noção de local no rádio também passa por um processo de ampliação, ou seja, é transversalmente cortada pela noção de global. A cobertura de assuntos importantes no nível global também interessa às emissoras. No caso de eventos globais, procura-se dar a eles um toque local no rádio, repercutindo-os com especialistas, parentes de vítimas, jornalistas brasileiros no exterior de outras agências de notícias.

A informação de serviço tende a ser preponderante na programação e apurada pela própria equipe de reportagem. Nesse aspecto, o rádio supera os demais meios por

ter se especializado, ao longo dos anos, em fornecer informação em primeira mão sobre trânsito, acidentes, estradas e tempo. Ao focar a prestação de serviço, sobrarão poucos jornalistas para cobertura de outros assuntos. Vários fatores favorecem para esta situação, entre eles a dificuldade de locomoção numa grande cidade. O que representa selecionar antecipadamente os assuntos que vão demandar a reportagem de rua a partir da agenda de serviço e do sistema interno de apuração. É uma combinação entre os acontecimentos importantes que emergem do social e os interesses editoriais das emissoras. A mobilização de equipes de reportagem dependerá sempre da abrangência do assunto. Muda, portanto, o conceito de seguir as pautas do dia e passa a ser condicionada pelos casos de excepcionalidade.

Mas por outro lado, esse procedimento traz implícito a padronização do conteúdo porque é comum o uso freqüente das mesmas fontes. Todos bebem da mesma fonte na hora de compor seu noticiário, reproduzindo as mesmas fontes e o mesmo discurso. Muito da tendência à homogeneização deve-se ao comportamento dos jornalistas de atribuírem maior grau de credibilidade às agências de notícias oriundas da mídia tradicional. A concentração da informação nas mãos de poucos persiste até mesmo num campo de informação e comunicação por natureza livre e plural.

O fundamento histórico do jornalismo está no conhecimento da realidade, na apuração dos fatos e na apresentação de narrativa correta, crível, isenta de opinião e de parcialidades. Cabe aos jornalistas a verificação dos fatos por meio de levantamento de dados junto às fontes. No entanto, cada vez mais adquire importância no cotidiano da re-

dação dispositivo técnico de acesso à informação em estado bruto como também aos dados de segunda ou terceira mão. Diante desse fenômeno, a visão de mundo natural confronta com a intencionalidade. As notícias não aparecem de forma natural, mas se fazem como consequência da vontade humana, da história, das circunstâncias sociais das instituições e das convenções da profissão, e agora também sob influência das tecnologias da informação. A Internet, com seus valores e lógica comunicativa, se notabiliza por ser uma das formas de conhecimento da realidade para o jornalismo.

Desse ponto de vista, a Internet molda crescentemente as experiências nas múltiplas formas do ser e de estar do homem no mundo. É o mesmo homem que vê, ouve e sente o mundo, sem a mediação de meios instrumentais, é o mesmo que sente através de meios técnicos digitais. O que mudou foram os horizontes desse mundo e os paradigmas da sua experiência (Fidalgo, 2002).

### 3 Bibliografia

ABREU, João Batista de. Faca de dois gumes. In MOREIRA, Sonia V. e BIANCO, Nelia R. Del. (orgs.) *Desafios do rádio no século XXI*. São Paulo: Intercom; Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

BIANCO, Nelia R. Del. *Radiojornalismo em mutação – A influência tecnológica e cultural da Internet na transformação da noticiabilidade no rádio*. Tese (Doutorado em Comunicação). São Paulo: ECA-USP, 2004.

BOLTER, Jay David e GRUSIN Richard.

*Remediation: Understanding new media.* Cambridge: The MIT Press, 1999.

FIDALGO, António. Percepção e experiência na Internet. BOCC - Biblioteca Online de Ciências da Comunicação da Universidade da Beira Interior, na Covilhã – Portugal, 2002. <http://www.bocc.ubi.pt/index2.html> 2002.

FIDLER, Roger. *Mediamorphosis – Understanding New Media.* Califórnia: Pine Forge Press, 1997.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem.* São Paulo: Cultrix, 2000.

MEDITSCH, Eduardo. *A rádio na era da informação.* Coimbra: Minerva, 1999b.

MOREIRA, Sonia V. *Rádio em transição – Tecnologias e leis nos Estados Unidos e no Brasil.* Rio de Janeiro: Mil Palavras, 2002.

NOGUEIRA, Luís. Jornalismo na rede: arquivo, acesso, tempo, estatística e memória. Webjornalismo.com. 05.03.2003. Disponível em: <http://www.webjornalismo.com/sections.php?op=viewarticle&artid=10>

ORTRIWANO, Gisela S. *Os (des)caminhos do radiojornalismo.* Tese (Doutorado em Comunicação). São Paulo: ECA-USP, 1990.